

Objetivo é preservar Funaro

Brasília — A instituição do embaixador extraordinário dentro da comissão, cuja criação foi toda costurada pelo assessor especial da Presidência da República, embaixador Rubens Ricúpero, teve um objetivo principal, segundo uma fonte do Palácio do Planalto: preservar das pressões diretas dos bancos e governos credores o principal formulador da política econômica do país — no caso, o ministro da Fazenda.

Desta forma, segundo a fonte palaciana, procura-se evitar que os bancos e governo credores tentem impor exigências à condução da economia interna nas negociações para o reescalonamento da dívida. O anúncio oficial da criação da comissão às vésperas da viagem de Dílson Funaro aos Estados Unidos não enfraquece o ministro da Fazenda, garante a fonte, e foi decidido porque o presidente José Sarney temia que o anúncio após a viagem pudesse ser interpretado como sinal de que Funaro teria sido mal-sucedido nas conversações que terá, até sábado, em Washington e Nova Iorque.

Desde que Sarney comunicou na reunião com o Conselho de Segurança Nacional de 20 de fevereiro sua disposição de criar a comissão, chegou-se a afirmar, dentro do Palácio do Planalto, que sua formalização significaria o completo esvaziamento de Funaro. Foram feitas sondagens no Planalto, para que o presidente da Rio Doce Internacional, Eliezer Baptista, fosse figura de proa da comissão, mas ele recusou o convite. Na própria assessoria de Funaro, ao primeiro anúncio da idéia da comissão, chegou-se a classificá-la como uma má idéia. É relevante, portanto, que ontem

tenha-se cuidado que coubesse ao ministro da Fazenda não só a divulgação oficial da comissão, como do decreto que a instituiu.

A dívida externa não é assunto estranho a Saraiva Guerreiro, único ministro do governo João Figueiredo elogiado pela oposição — uma das principais razões para sua escolha agora — foi na sua gestão no Itamarati que se criou o Grupo de Cartagena, que integra os países latino-americanos num fórum que se reuniu várias vezes para discutir a questão do endividamento externo das nações do continente.

Coube também a Guerreiro, que até fins do ano passado ocupava a embaixada brasileira em Roma e está agora lotado no quadro especial do Itamarati, solucionar o conflito com a Argentina para a construção da hidrelétrica binacional de Itaipu, com o Paraguai. Fumante de quatro maços diários de Continental sem filtro (que não traga), discordou em várias questões, como as negociações sobre o Acordo Geral da Tarifas e Comércio (Gatt), do então todo-poderoso ministro Delfim Netto.

Discreto, dono de uma memória prodigiosa (lembra episódios de 30, 40 anos atrás com detalhes), não deixa transparecer qualquer emoção nos diálogos os mais difíceis. Conhecido do ex-chefe do SNI, general Octávio Medeiros (a irmã de sua mulher é casada com Medeiros), o baiano Guerreiro tem outra característica marcante: há de se estar bem preparado e argumentado para se negociar com ele, porque se o interlocutor deixar brechas, não restará pedra sobre pedra de seu discurso.